

Gustavo Dudamel

**Mahler Chamber
Orchestra
Golda Schultz**



7 SETEMBRO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musical House - Casa Para Todos Usarem

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Mahler Chamber Orchestra

Gustavo Dudamel Maestro

Golda Schultz Soprano

Franz Schubert

Sinfonia n.º 3, em Ré maior, D. 200

Adagio maestoso – Allegro con brio

Allegretto

Menuetto: Vivace – Trio

Presto vivace

INTERVALO

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 4, em Sol maior

Bedächtig, nicht eilen

(Circunspecto, sem agitação)

In gemächlicher Bewegung. Ohne Hast

(Andamento moderado. Sem pressa)

Ruhevoll (Tranquilo)

Sehr behaglich (Muito agradável)

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Franz Schubert

Viena, 31 de janeiro de 1797

Viena, 19 de novembro de 1828

Sinfonia n.º 3, em Ré maior, D. 200

COMPOSIÇÃO: 1815

ESTREIA (PÚBLICA): Londres, 19 de fevereiro de 1881

DURAÇÃO: c. 25 min.



O JOVEM SCHUBERT, POR JOSEF ABEL, c. 1814 © DR

Recém-formado no Colégio Imperial de Viena e com apenas dezassete anos de idade, Schubert dava início à atividade de mestre-escola, em tudo semelhante à que desenvolvera o seu pai, Franz Theodor Florian (1763–1830). Ao mesmo tempo, foi compondo as suas primeiras sinfonias, moldadas, como seria de esperar, nos ideais vienenses do Alto Classicismo. A Sinfonia n.º 3, em Ré maior, D. 200, foi iniciada em maio de 1815, com recurso ao mesmo aparato instrumental que Schubert já utilizara anteriormente, herdeiro, aliás, do modelo haydiniiano das Sinfonias Londrinas e constituído por duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, cordas e timbales. Como muitos outros frutos da pena de Schubert, a Sinfonia n.º 3 não circulou publicamente em vida do compositor, tendo aparecido, pela primeira vez, na edição completa das suas obras, publicada em Leipzig, pela firma Breitkopf & Härtel, corria o ano de 1884.

Uma introdução lenta e solene inaugura a Sinfonia, antes de ser exposto o primeiro tema do *Allegro con brio*, pelo clarinete. Tal melodia singela mas inquieta, impele o edifício orquestral rumo a horizontes de divagação

bucólica, sugerindo algumas reminiscências beethovenianas neste mesmo âmbito temático. Um segundo tema aparentado sobrevém no timbre nasalado do oboé. Prosseguindo o molde de sonata regular, com breve desenvolvimento, o andamento encerra com a expectativa transbordante de um adolescente no limiar de uma nova etapa de vida. O segundo andamento, *Allegretto*, apoia-se numa forma tripartida, com duas secções de carácter dançante a enquadrar uma breve secção central igualmente animada, na qual sobressai o clarinete. No *Menuetto* que se segue, Schubert surpreende o ouvinte com a acentuação irregular que confere à dança. Do *Trio* sobressai um aroma especificamente schubertiano, emanando dos registos mais suaves das cordas, do oboé e do clarinete. O andamento encerra com o regresso do *Menuetto* inicial. Por sua vez, o andamento conclusivo, *Presto vivace*, impõe um contínuo de ideias musicais que são partilhadas pelos naipes orquestrais com energia fervilhante, dentro da lógica formal da sonata clássica. Desta vez, são os arrosos rítmicos e também harmónicos que parecem anunciar a emancipação do músico vienense, como pioneiro do movimento romântico inicial.

Gustav Mahler

Kaliste, 7 de julho de 1860

Viena, 18 de maio de 1911

Sinfonia n.º 4, em Sol maior

COMPOSIÇÃO: 1899-1900

ESTREIA: Munique, 25 de novembro de 1901

DURAÇÃO: c. 55 min.



GUSTAV MAHLER, POR EMIL ORLIK, 1903 © DR

Concluída a 6 de agosto de 1900, a Sinfonia n.º 4 de Mahler representa como que o interface do legado sinfónico do compositor: se, por um lado, incorpora novas ideias do *fin-de-siècle*, por outro lado estabelece a síntese de toda a tradição sinfónica europeia anterior, quer nos aspetos formais, quer estilísticos. A nível da instrumentação, por exemplo, sobressai um elo inequívoco com a Sinfonia n.º 3 de Schubert, anteriormente escutada, já que se encontra presente o mesmo núcleo instrumental de madeiras, metais e cordas, muito embora reforçado, com a adição do *glockenspiel*, das harpas e da percussão.

São três os temas presentes na exposição do primeiro andamento, *Bedächtigt, nicht eilen* (“Circunspeto, sem agitação”): o primeiro com perfil angulado; o segundo mais poético, encetado pelo expressivo intervalo de sexta maior; e o último de carácter dançante, na mesma tonalidade. Outra alusão à tradição surge no curso do segundo andamento, *In gemächlicher Bewegung. Ohne Hast* (“Andamento moderado. Sem pressa”). Mahler leva aqui a efeito a representação musical de um dos temas favoritos da pintura germânica dos séculos XVII e XVIII: a tenebrosa “Dança da Morte”.

O protagonista deste quadro, à vez inquietante e irónico, é o violino solo, executado em *scordatura*, como que a imitar o fiedel medieval, tal como aparece nas lendas germânicas, tocado pelo ancestral demónio, Freund Hain. O terceiro andamento mostra uma faceta lamentosa, com a indicação *Ruhevoll* (“Tranquilo”), por vezes emudecida por laivos de lirismo inflamado. Recorrendo a processos de variação, também eles tributários do passado, o compositor faz suceder duas secções distintas, de grande envergadura, após o que tem lugar a coda final. No derradeiro andamento, *Sehr behaglich* (“Muito agradável”), Mahler preconiza a estratégia que haveria de seguir no ciclo intitulado *A Canção da Terra* (1908-1909), aliando a voz solista à orquestra. O ponto de partida para a sua inspiração foi um Lied provindo do ciclo *Des Knaben Wunderhorn* (1892-1899), no qual uma criança descreve a sua visão do paraíso (*Das himmlische Leben*). Reformulando os planos sonoros do primeiro andamento, o músico desvela aqui uma essência rica em significados, fruto do cruzamento da poesia tradicional com as sonoridades poderosas da orquestra.

Wir genießen die himmlischen Freuden,
d'rum tun wir das Irdische meiden.
Kein weltlich' Getümmel
hört man nicht im Himmel!
Lebt alles in sanfterster Ruh'!
Wir führen ein englisches Leben,
sind dennoch ganz lustig daneben!
Wir führen ein englisches Leben,
wir tanzen und springen,
wir hüpfen und singen!
Sanct Peter im Himmel sieht zu!

Johannes das Lämmlein auslasset,
der Metzger Herodes drauf passet!
Wir führen ein geduldig's,
unschuldig's, geduldig's,
ein liebliches Lämmlein zu Tod!
Sanct Lukas der Ochsen tät schlachten
ohn' einig's Bedenken und Achten,
der Wein kost' kein' Heller
im himmlischen Keller,
die Englein, die backen das Brot.

Gut' Kräuter von allerhand Arten,
die wachsen im himmlischen Garten!
Gut' Spargel, Fisolen
und was wir nur wollen!
Ganze Schüsseln voll sind uns bereit!

Saboreamos os prazeres celestes,
por isso evitamos todas as coisas terrenas.
No céu não se escuta
nenhum rumor do mundo!
Todos vivem em serena paz!
Levamos uma vida angelical,
mas somos também muito alegres!
Levamos uma vida angelical,
dançamos e cantamos,
saltamos e pulamos!
E no céu, São Pedro observa-nos!

São João solta o pequeno cordeiro,
Herodes, o carniceiro, aguarda por ele!
Levamos o manso,
inocente e manso
e doce cordeirinho, para a morte!
São Lucas abate o boi
sem muito pensar ou sentir,
o vinho não custa um tostão
nas caves celestes,
e os anjos cozem o pão.

Ervas aromáticas de diversos tipos,
crescem no jardim celeste!
Bons espargos, feijões,
e tudo o que quisermos!
São-nos servidos pratos fartos!

Gut' Äpfel, gut' Birn und gut' Trauben!
Die Gärtner, die alles erlauben!
Willst Rehbock, willst Hasen,
auf offener Straßen
Sie laufen herbei!
Sollt ein Fasttag etwa kommen,
alle Fische gleich mit Freuden
angeschwommen!
Dort läuft schön Sanct Peter
mit Netz und mit Köder
zum himmlischen Weiher hinein.
Sanct Martha die Köchin muss sein!

Kein Musik ist ja nicht auf Erden,
die uns'rer verglichen kann werden.
Elftausend Jungfrauen
Zu tanzen sich trauen!
Sanct Ursula selbst dazu lacht!
Kein Musik ist ja nicht auf Erden,
Die uns'rer verglichen kann werden.
Cäcilia mit ihren Verwandten
sind treffliche Hofmusikanten!
Die englischen Stimmen
ermuntern die Sinnen,
dass alles für Freuden erwacht.

Boas maçãs, boas peras, e boas uvas!
Os jardineiros deixam-nos provar tudo!
Se quereis corças ou lebres,
eles surgem correndo
pelas ruas espaçosas!
E se é dia de jejum,
todos os peixes nadam alegremente
até à tona!
E eis São Pedro que chega
com a sua rede e engodo
ao viveiro celeste.
Santa Marta deve ser a cozinheira!

Não existe música na Terra,
que se compare à nossa.
Onze mil virgens
lançam-se numa dança!
Santa Úrsula observa e ri!
Não existe música na Terra,
que se compare à nossa.
Cecília e os seus pares
são magníficos músicos de câmara!
As vozes dos anjos
estimulam os sentidos,
e tudo desperta para a alegria.

TRADUÇÃO DE OFÉLIA RIBEIRO

Gustavo Dudamel

Maestro



GUSTAVO DUDAMEL © LA PHILHARMONIC - VERN EVANS

O maestro venezuelano Gustavo Dudamel é movido por uma crença inabalável no poder da música para unir e inspirar. A sua carreira está repleta de momentos de grande impacto e sucesso, bem como de exemplos do seu empenho em demonstrar a extraordinária capacidade da música para transformar vidas.

Na temporada do centenário da Filarmónica de Los Angeles, Dudamel cumpre o seu décimo ano como Diretor Musical e Artístico. Outros destaques da temporada 18-19 incluem a estreia do maestro na Metropolitan Opera, onde dirigirá *Otello* de Verdi, digressões com a Filarmónica de Berlim, a Filarmónica de Munique e a Mahler Chamber Orchestra, bem como uma residência académica na Universidade de Princeton.

Dudamel é um grande defensor da educação musical e do desenvolvimento social através das artes, tendo ele próprio vivido a frutuosa experiência do *El Sistema* venezuelano, o extraordinário projeto iniciado em 1975 por José Antonio Abreu. No seu 19.º ano como Diretor Musical da Orquestra Sinfónica Simón Bolívar, dá continuidade ao trabalho do seu mentor, ao mesmo tempo que apoia outros projetos inspirados no *El Sistema*. Alcançando um vasto e diversificado público, sem prejuízo

da sua elevada integridade musical, Dudamel foi várias vezes figura de destaque em programas de grande audiência nos principais canais de televisão norte-americanos. Em 2017 tornou-se no mais jovem maestro a dirigir o famoso Concerto de Ano Novo da Filarmónica de Viena. Em reconhecimento das suas ações em prol das artes nas Américas, Dudamel recebeu em 2018 a Medalha Páez das Artes (Venezuela) e a Ordem do Mérito Artístico e Cultural Pablo Neruda (Chile). Em 2016 foi-lhe atribuído o *Americas Society Cultural Achievement Award*. Em 2014 recebeu o *Leonard Bernstein Lifetime Achievement Award for the Elevation of Music in Society* atribuído pela Longy School of Music.

Gustavo Dudamel nasceu em 1981 em Barquisimeto. Em 2004 venceu o concurso de direção Gustav Mahler da Sinfónica de Bamberg. Entre 2007 e 2012, foi Diretor Musical da Sinfónica de Gotemburgo. Inspirada pelas experiências e exemplos musicais do maestro, a Fundação Gustavo Dudamel, uma instituição sem fins lucrativos, foi criada em 2012 com o objetivo de promover o acesso à música como um direito humano e como um catalisador de aprendizagem, integração e mudança social.

Golda Schultz

Soprano



GOLDA SCHULTZ © GREGOR ROHRIG

Nos últimos anos, a crescente afirmação de Golda Schultz foi consolidada por uma sequência de grandes estreias em importantes palcos. No presente concerto, apresenta-se pela primeira vez em Portugal. Entre outras interpretações recentes, destacam-se as de Cleópatra (*Giulio Cesare*), no Stadtheater Klagenfurt, Sophie (*Der Rosenkavalier*), no Festival de Salzburgo, Sibilla (estreia mundial de *La bianca notte*, de Beat Furrer), no Staatstheater Hamburg (2015), Condessa Almaviva (*As bodas de Figaro*), no Festival de Glyndebourne, Susanna (*As bodas de Figaro*), no Scala de Milão, ou Pamina (*A flauta mágica*), na Bayerische Staatsoper (2016). Natural da África do Sul, Golda Schultz diplomou-se pela Juilliard School de Nova Iorque e integrou o Bayerische Staatsoper Opernstudio. Em seguida colaborou durante uma temporada com o Stadtheater Klagenfurt. Integrou a companhia da Bayerische Staatsoper, em Munique, com a qual se apresentou numa grande variedade de papéis, incluindo Fiordiligi (*Così fan tutte*), Liù (*Turandot*), Musetta (*La bohème*), Micaëla (*Carmen*), Freia (*O ouro do Reno*), Pamina e Sophie. Estreou-se no Festival de Salzburgo em 2015, tendo regressado em 2017 para integrar

o elenco de *La clemenza di Tito*, com o maestro Teodor Currentzis e o encenador Peter Sellars. Na carreira de Golda Schultz destaca-se também a sua forte presença nos palcos de concerto, em colaboração com grandes orquestras e maestros como a National Symphony Orchestra (Washington D.C.) e Christoph Eschenbach (Sinfonia n.º 2 de Mahler), a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e Stefan Asbury (*A Child of Our Time* de Tippett), a Sinfónica da Rádio Finlandesa e John Storgårds (árias de Mozart), a Sinfónica da Islândia e Andrew Litton (*Brentano Lieder* de R. Strauss) ou a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, sob a direção de Paavo Järvi (*Fidelio* de Beethoven). Na temporada 2017-18 Golda Schultz estreou-se na Metropolitan Opera (Pamina), sob a direção de James Levine e no Novo Teatro Nacional de Tóquio (Sophie). As suas apresentações em concerto incluíram: *As Estações*, de J. Haydn, com a Orquestra de Cleveland e o maestro Franz Welser-Möst; *Elias*, de Mendelssohn, com Fabio Luisi, na Opernhaus Zürich; concertos de gala no Wiener Konzerthaus e na Deutsche Oper Berlin; e o seu recital de estreia no Wigmore Hall de Londres, com o pianista Jonathan Ware.



MAHLER CHAMBER ORCHESTRA © MOLINA VISUALS

A Mahler Chamber Orchestra (MCO) foi fundada em 1997 como um agrupamento internacional dedicado à criação e partilha de experiências únicas no domínio da música clássica. Integra 45 membros de 20 nacionalidades no seu núcleo e funciona como um coletivo itinerante de dedicados músicos que se juntam para a realização de digressões na Europa e em todo o mundo. Até à data, apresentou-se em 40 países de cinco continentes. É gerida coletivamente pelas suas equipas de produção e diretiva e as decisões são tomadas democraticamente, envolvendo a participação de todos os músicos.

O som da MCO é caracterizado pelo estilo de interpretação da música de câmara e o seu repertório abrange o Classicismo vienense e o início do Romantismo, bem como obras contemporâneas e estreias mundiais. Recebeu significativos impulsos artísticos de Claudio Abbado, o seu fundador e mentor, e de Daniel Harding, Maestro Laureado. A pianista Mitsuko Uchida, o violinista Pekka Kuusisto e o maestro Teodor Currentzis são os seus atuais Parceiros Artísticos, inspirando e moldando a orquestra ao longo de prolongadas colaborações. Em 2016, o maestro Daniele Gatti foi nomeado Consultor

Artístico. O concertino Matthew Truscott lidera e dirige regularmente a orquestra nos seus programas de música de câmara. Os músicos da MCO aprofundam continuamente o seu envolvimento com os públicos através de encontros e projetos musicais dirigidos às comunidades a nível internacional. Desde 2012, o projeto *Feel the Music* abriu o mundo da música às crianças com deficiência auditiva através de *workshops* interativos em escolas e salas de concertos. Os músicos da MCO partilham também a sua paixão e conhecimentos com as novas gerações: desde 2009, através da MCO Academy, têm proporcionado aos jovens músicos uma experiência orquestral de grande qualidade, bem como uma plataforma única para o intercâmbio internacional. Nos últimos anos, os grandes projetos da MCO incluíram o premiado *Beethoven Journey* – ciclo integral dos concertos para piano de Beethoven, dirigidos a partir do teclado por Leif Ove Andsnes – e a produção de ópera *Written on Skin*, estreada no Festival d'Aix-en-Provence, sob a direção do compositor George Benjamin. Em reconhecimento pela identidade da sua marca, a MCO foi galardoada com o *Special Mention Prize do German Design Award 2017*.

Mahler Chamber Orchestra

VIOLINOS I

Raphael Christ (Alemanha) **
Annette zu Castell (Alemanha)
Charlotte Chahuneau (França)
Alexa Farré Brandkamp (Espanha)
Wolfgang Herrmann (Alemanha)
Kirsty Hilton (Austrália)
May Kunstovny (Áustria)
Anna Matz (Alemanha)
Hildegard Niebuhr (Alemanha)
Geoffroy Schied (França)
Francesco Senese (Itália)
Sono Tokuda (Japão)
Bas Treub (Holanda)
Hayley Wolfe (EUA)

VIOLINOS II

Irina Simon-Renes (Alemanha) *
Stephanie Baubin (Áustria)
Nitzan Bartana (Israel)
Simona Bonfiglioli (Suécia)
Michael Brooks Reid (Austrália)
Daniel Frankel (Suécia)
Sophia Herbig (Alemanha)
Christian Heubes (Alemanha)
Paulien Holthuis (Holanda)
Fjodor Selzer (Alemanha)
Mette Tjaerby Korneliusen
(Dinamarca)
Anna Weber (Alemanha)

VIOLAS

Béatrice Muthélet (França) *
Maite Abasolo Candamio
(Espanha)
Jenny Anschel (EUA)
Florent Brémond (França)
Justin Caulley (EUA)

Yannick Dondelinger
(Grã-Bretanha)
Tony Nys (Bélgica)
Lia Previtali (Itália)
Delphine Tissot (França)
Lilya Tymchysyn (Grã-Bretanha)

VIOLONCELOS

François Thirault (França) *
Nepomuk Braun (Alemanha)
Stefan Faludi (Alemanha)
Daniel Hoffmann (Alemanha)
Christophe Morin (França)
Miwa Rosso (França)
Philipp von Steinaecker
(Alemanha)
Anne Yumino Weber (Alemanha)

CONTRABAIXOS

Rick Stotijn (Holanda) *
Nikola Ajdacic (Suíça)
Josie Ellis (Grã-Bretanha)
Antonio García Araque (Espanha)
Jon Mikel Martínez Valgañón
(Espanha)
Rodrigo Moro Martín (Espanha)
Luis Otero (Espanha)

FLAUTAS

Chiara Tonelli (Itália)
Júlia Gállego (Espanha)
Maria José Ortuño (Espanha)
Paco Varoch (Espanha)

OBOÉS

Mizuho Yoshii-Smith (Japão)
Julian Scott (Grã-Bretanha)
Clément Noël (França)

CLARINETES

Vicente Alberola (Espanha)
Mariafrancesca Latella (Itália)
Raphael Schenkel (Alemanha)

FAGOTES

Guillaume Santana (França/Chile)
Pierre Gomes Da Cunha (França)
Alessandro Battaglini (Itália)

TROMPAS

Jose Vicente Castello Vicedo
(Espanha)
Jonathan Wegloop (Alemanha/
Holanda)
José Miguel Asensi Martí (Espanha)
François Bastian (França)

TROMPETES

Christopher Dicken (Grã-Bretanha)
Florian Kirner (Alemanha)
Sarah Slater (Austrália)

TÍMPANOS

Martin Piechotta (Alemanha)

PERCUSSÃO

Javier Eguillor (Espanha)
Guillem Ruiz Brichs (Espanha)
Emi Shimada (Japão)
Rizumu Sugishita (Japão)

HARPA

Anneleen Lenaerts (Bélgica)

* Principal

** Concertino

15 + 16 Setembro

Requiem Mozart



**Concertos
Participativos**

GULBENKIAN.PT



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORP.

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Museu de Arte Moderna de São Paulo

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
ORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

500 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Setembro 2018

